PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Entrevista com Carolina Correa - Autismo

O dia 2 de abril foi instituído pela ONU em 2007 como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo.
O autismo ou Transtorno do Espectro Autista (TEA), não é uma doença e sim um transtorno do neurodesenvolvimento, e costuma ser identificado pelos especialistas antes dos 3 anos, mas os próprios pais podem detectar os primeiros sinais já nos primeiros meses de vida, assim, buscar ajuda especializada quanto antes.
Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se que em todo o mundo, uma em cada 160 crianças tenha o transtorno.
Os diagnósticos de crianças com Autismo têm aumentado nos últimos anos, contudo, ainda não se pode afirmar as causas, mas evidências científicas sugerem que provavelmente há muitos fatores que tornam uma criança mais propensa a ter um TEA, incluindo os fatores ambientais e genéticos.
Com o objetivo de esclarecer um pouco mais sobre o assunto, neste mês de conscientização do autismo, entrevistamos Carolina Correa, diretora do Centro de Ensino Estruturado para o Transtorno do Espectro Autista, em Curitiba, Paraná.

ENTREVISTA COM: Carolina Correa, diretora do Centro de Ensino Estruturado para o Transtorno do Espectro Autista, em Curitiba, Paraná.

O que é autismo? Existe uma causa?

Autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta diferentes habilidades. Entre elas, estão as habilidades de socialização, comunicação e comportamento.

Estudos apontam que as causas são multifatoriais, ou seja, podem ser fatores ambientais, genéticos, de modo que prejudicam o desenvolvimento da criança ainda na fase gestacional.

Quais são as principais características do autismo?

Existem inúmeras características, uma vez que como todas as pessoas, cada uma tem suas especificidades de funcionamento, potencialidades e dificuldades, mas as principais características estão relacionadas à dificuldade de interação social, na comunicação, comportamentos estereotipados e repetitivos como a ecolalia (repetição de sílabas, palavras ou frases já ouvidas), por exemplo, e apresentam reações sensoriais de acordo com os estímulos do ambiente.

Existem graus de autismo? Se sim, quais são eles?

Existem níveis de comprometimento. Na classificação oficial existem 8 subclassificações, mas podemos considerar três níveis principais de acordo com a necessidade de apoio.
São eles: o leve, o moderado e o severo.

Existe uma idade mais adequada para o diagnóstico?

É possível observar características desde muito cedo, uma vez que o espectro autista está relacionado com o atraso do desenvolvimento já na primeira infância. Em alguns casos já é possível identificar e diagnosticar com 12, 24 meses.

Como a família pode saber se a criança tem ou não autismo?

É importante ficar atento aos marcos de desenvolvimento e buscar um profissional capacitado para auxiliar na identificação.
Alguns sinais de alerta são: pouco ou nenhum contato visual; não atende ao ser chamado e nesse caso é descartada a possibilidade de problemas auditivos; possuir movimentos repetitivos; pouca interação com o outro, mesmo quando se trata de familiares mais próximos.
Estes são alguns sinais que a família deve levar em consideração em caso de suspeita de autismo.

Quem faz o diagnóstico do autismo?

O diagnóstico pode ser multiprofissional envolvendo neuropediatra, psicopedagogo, psicólogo.
O importante é fazer a escolha de profissionais habilitados que realizem a observação e apliquem alguns protocolos avaliativos.

Depois de diagnosticado, como é feito o acompanhamento? Existe um tratamento?

Após o diagnóstico é muito importante pensar na família como um todo. Os tratamentos podem variar de acordo com a necessidade de cada pessoa. Pode ser necessário o acompanhamento com o pessoal da fonoaudiologia, da psicologia, da psiquiatria.
Além de programas que utilizam técnicas com base em evidência científica para que realmente possam contribuir para a melhoria do desenvolvimento da pessoa com autismo.

Na sua opinião, como os líderes da Pastoral da Criança podem orientar as famílias com crianças autistas?

Uma das estratégias que podem ser sugeridas às famílias é o auxílio no que se refere à organização da rotina da antecipação de fatos que vão ocorrer ao longo do dia, da semana, para que apoie a compreensão da organização do tempo gerando maior segurança e minimizando os episódios de irritabilidade e crises. Isso pode ser feito através do uso de imagens, por exemplo. Objetos que representam ações também ajudam. Manter um ambiente equilibrado com estímulos adequados evitando excessos também favorecem a qualidade de vida e o desenvolvimento da pessoa com
autismo.

Quais são os grandes desafios que os pais e familiares de crianças com autismo enfrentam?

Uma das estratégias que podem ser sugeridas às famílias é o auxílio no que se refere à organização da rotina da antecipação de fatos que vão ocorrer ao longo do dia, da semana, para que apoie a compreensão da organização do tempo gerando maior segurança e minimizando os episódios de irritabilidade e crises. Isso pode ser feito através do uso de imagens, por exemplo. Objetos que representam ações também ajudam. Manter um ambiente equilibrado com estímulos adequados evitando excessos também favorecem a qualidade de vida e o desenvolvimento da pessoa com
autismo.

Quais são as leis que amparam o autista?

Os principais documentos, leis norteadoras da inclusão, são a Lei da Inclusão 13.146 de julho de 2015 (Lei Brasileira da Inclusão da Pessoa com Deficiência) e tem por objetivo a promoção, em condições de igualdade, do exercício dos direitos e liberdades fundamentais e, principalmente, da inclusão social.
É Importante conhecer também a Lei 12.764 do dia 27 de dezembro de 2012 que Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos das Pessoas portadoras do Transtorno do Espectro Autista.

Outro documento importante é a Declaração de Salamanca, elaborada em 1994 na Conferência Mundial sobre Educação Especial, em Salamanca, na Espanha. Ela reforça o direito à uma educação de qualidade e inclusiva.

(MENSAGEM)

Irmã Veneranda da Silva Alencar, Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança.

Qual é a sua mensagem para o programa de hoje?

Quero levar meu abraço amigo a todas as famílias que têm uma criança com autismo. Eu conheço muitas famílias que ficam angustiadas pela demora ou dúvidas no diagnóstico, porque nós sabemos que nesses casos o tempo é precioso e o quanto antes for descoberto e iniciado o acompanhamento dessas crianças, mais elas vão se desenvolver. Precisamos acolher essa criança com autismo com muito amor e lutar para que ela tenha um tratamento digno.
É preciso buscar logo ajuda, que é feita com diversos profissionais de saúde, e procurar incluir essa criança na escola e na sociedade.
Vamos somar esforços nessa luta para que toda criança com autismo receba, em qualquer lugar do Brasil, o acompanhamento necessário, porque ela tem direito a viver uma vida normal, saudável e feliz.

(TESTEMUNHO)

Rosana Aparecida Omizolo, líder da Pastoral da Criança da cidade de Louveira, Diocese de Jundiaí, São Paulo. A Rosana acompanha uma família que tem uma criança com autismo.

Como você realiza o acompanhamento dessa família?

Nós acompanhamos uma criança com autismo, hoje com 4 anos, é uma criança saudável e alegre. Porém, na fase de 1 a 2 aninhos, durante as visitas, observamos um atraso no início da fala e uma dificuldade na interação e comunicação da criança. Então, orientamos a mãe a procurar no serviço de saúde um fonoaudiólogo.

Enfrentamos alguns desafios desde então. O primeiro deles foi trabalhar a aceitação dos pais na busca do diagnóstico o quanto antes. Depois também, teve a dificuldade da demora na realização de exames e consultas, que piorou

bastante com a pandemia. Nós fomos conversando com a família e articulando com o serviço de saúde, tentando agilizar os procedimentos e os exames.

De lá para cá, foi uma longa jornada. Até que, recentemente, se confirmou o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista. Hoje, a criança já está iniciando as terapias e frequentando a escola. O que aprendemos neste caso e reconhecemos mais uma vez, é a importância do nosso papel como líder da Pastoral da Criança que fez toda a diferença.

Para as famílias que recebem o diagnóstico de autismo da criança é muito assustador, principalmente quando elas desconhecem as possibilidades de sucesso dos tratamentos e terapias e desconhecem os direitos de proteção e inclusão. Nós temos a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. É imprescindível que nós, líderes, levemos às famílias a ciência desses direitos e sempre com empatia, amor, paciência levamos orientação e esperança e principalmente luz para essas crianças e suas famílias.

Esta entrevista faz parte do Programa de Rádio Viva a Vida da Pastoral da Criança
Programa de Rádio 1593 - 04/04/2022 - Autismo